

Título: Uma análise da atividade turística como uma nova alternativa econômica na Região do Grande ACB Paulista.

Ana Claudia Mendes Sousa¹

Juliana Pedreschi Rodrigues²

Resumo

Este artigo pretende abordar questões referentes às mudanças econômicas na Região do Grande ABC paulista e sobre a emergência da atividade turística como uma nova alternativa econômica para toda a região. Inicialmente apresenta-se informações referentes ao crescimento urbano, decorrente da implantação e ascensão da indústria automobilística, em seguida discute-se os reflexos importância desse setor para a economia local. Apresenta ainda, dados sobre o declínio da produção industrial, diminuição dos postos de trabalho, sobre a formação de pólos produtivos e o papel das agências de fomento para o desenvolvimento econômico da região. Finalmente, destaca-se o crescimento do setor terciário, em especial, da atividade turística, que nas duas últimas décadas vem se desenvolvendo nas sete cidades que compõe a região do grande ABC Paulista.

Palavras chave: Atividade turística; Desenvolvimento Regional; Pólos.

Introdução

São Paulo é a unidade da federação mais desenvolvida do país. Contando com uma complexa rede de infra-estrutura, com economia dinâmica e diversificada reafirma a cada dia, sua histórica vocação de principal pólo da América do Sul. (NASCIMENTO, 2005).

¹ Mestre em Administração pela Universidade Metodista de São Paulo, especialista em Economia do Turismo pela Fundação de Pesquisas Econômicas da USP, bacharel em turismo pela Universidade Metodista de São Paulo, docente em Cursos de Turismo e pesquisadora da Faculdade Anhanguera Educacional e Faculdades Integradas de Ribeirão Pires.

² Pesquisadora do GIEL/USP - Grupo Interdisciplinar de Estudos do Lazer - EACH/USP, mestre em Estudos do Lazer pela UNICAMP e doutoranda em História da Educação na Universidade de São Paulo – FEUSP.

Neste cenário está a região do Grande ABC paulista, que destaca-se desde o início do século XX, pela produção manufatureira diversificada e em meado deste século pela instalação das grandes indústrias automobilísticas, que contribuíram para o crescimento populacional e econômico de toda a região.

O Grande ABC paulista, Região do ABC ou ABCD, é uma área industrial formada por sete municípios da Região Metropolitana de São Paulo: Santo André (A), São Bernardo do Campo (B), São Caetano do Sul (C), Diadema (D), e ainda, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra.

Algumas das cidades apresentam subdistritos, como Santo André, que tem os subdistritos de Utinga e de Paranapiacaba; em São Bernardo do Campo, há os subdistritos de Riacho Grande e Rudge Ramos; em Diadema, Piraporinha e, em Ribeirão Pires, Ouro Fino Paulista e Santa Luzia. Juntas as sete cidades compõem extensão territorial de 841 Km², já que o Estado de São Paulo é composto por 248.600 Km², representando o Grande ABC 0,33 % do território paulista (NASCIMENTO, 2005).

O cenário econômico da região apresenta no início do século XX a presença das olarias, indústrias têxteis, a indústria automobilística surge na região na década de 40, tem seu apogeu ao final dos anos de 1950 e durante toda a década de 1960, mas em meado da década de 70, nota-se os primeiros sinais de crise na produção e consumo desses bens, aliado aos conflitos políticos e início da globalização que trouxe mudanças significativas para esse setor, alterando drasticamente a economia de toda a região do grande ABC, dependente dessa produção. Para Klink (2000) isso implicou no processo de mudança qualitativa nos fluxos de informações, mercadorias, mão-de-obra e capital, e o início de seu declínio, ao final da década de 70, ocorreu devido ao período de recessão em que o país se encontrava.

Durante os anos 80 e 90, a produção industrial continuou desacelerada. Neste período, o ABC perdeu várias indústrias, devido a política de incentivos e isenções fiscais promovidos por outros estados do país. Ainda hoje, há um grande esforço do setor público e da sociedade para a manutenção das indústrias existentes na região como garantia da manutenção dos postos de trabalho diretos e indiretos.

Foi com a abertura da economia, com o *boom* de negócios globais e a estabilização da moeda no final da década de 90, que ocorreu grandes mudanças na forma de gestão das empresas brasileiras: o foco na competitividade mudou a estratégia empresarial fundada na

produtividade, no qual o desenvolvimento de vantagens competitivas e a capacidade de organização das empresas tornam-se diferenciais face à concorrência.

Em meio a isso, inicia-se um aumento de atividades nos setores de serviços e no comércio. O desafio do início deste século XXI, nesta região, está relacionado à criação de novas alternativas econômicas para todas as sete cidades, que ainda passam por um processo de transformação e readequação de sua economia.

As profundas transformações mundiais decorrentes do processo de globalização financeira e econômica provocaram exclusão social e mudanças nos processos organizacionais, afetando, também, a região do Grande ABC paulista, que busca novas formas de reorganização das empresas, para sobreviver no mercado, e estratégias, para a manutenção das organizações que permaneceram, por meio de cadeias produtivas e APLs³ (arranjos produtivos locais), que estão permitindo nova forma de atuação estratégica da região no Mercado.

Esses aglomerados, sejam na indústria, no comércio ou no setor de serviços, apontam os novos papéis das organizações, dos governos e de outras instituições que buscam competitividade e, criam novas agendas gerenciais, nas quais as empresas têm interesse tangível no ambiente de negócios da sua localidade, beneficiando-se, muitas vezes, da presença dos competidores locais e possibilitando ainda, que as associações comerciais se constituam em ativos importantes para a competição, assim como as atividades de *lobby* e as organizações sociais. (PORTER, 2003).

A formação de arranjos produtivos, somados as agências de desenvolvimento econômico da região, propicia novas formas de contatos entre atores locais, gerando, também, a necessidade de aperfeiçoamento da mão-de-obra existente, por meio do processo de coopetição (cooperação + competição).

Em busca de saídas para a manutenção, reestruturação e desenvolvimento da economia, a região do Grande ABC paulista traz a luz algumas reflexões: seria o turismo mais uma alternativa econômica capaz de contribuir com desenvolvimento da região? A estrutura

³ Segundo o SEBRAE, Serviço de Apoio as Pequenas e Micro e Pequenas Empresas (2005), arranjos Produtivos Locais são aglomerações de empresas localizadas em um mesmo território, que apresentam especialização produtiva e mantêm vínculos de cooperação e informações, com atores locais, como empresas, governo, sociedade civil e instituições e ensino.

turística atual possibilita investimentos visando o incremento e criação de pólos produtivos neste setor?

Para responder a esses questionamentos, o presente artigo busca apresentar dados sobre o sistema turístico existente, refletir sobre suas potencialidades e sobre as possibilidades de geração de vantagens competitivas econômicas para a região do Grande ABC paulista a partir da oferta atual. Rabahy (1990) ressalta o grande crescimento da atividade turística em todo o mundo, propicia a capacidade de geração de renda através da geração de postos de trabalho, diretos e indiretos e apresenta grande/ potencial desse setor para o desenvolvimento econômico regional

Os pólos e a estrutura turística da região

A configuração econômica do Grande ABC paulista tem se reestruturado, em aglomerados e arranjos produtivos que, também, podem ser chamados de pólos, por serem empresas agrupadas numa mesma região ou cidade que, segundo Alvarez e Melo (1997) procuram a modernização de setores tradicionais como o têxtil, as confecções, os calçados, a alimentação e a construção, entre outros.

Nestes pólos há um esforço compartilhado e conjunto entre as instituições geradoras de conhecimento e tecnologia, as empresas pertencentes a um mesmo setor e outros agentes do governo, sendo fundamental essa cooperação nas micro e pequenas empresas, devido às suas limitações e restrições particulares.

A formação de pólos é algo recente no Brasil, pois a internacionalização da economia se acentuou na década de 90, mudou o mercado e gerou concorrência externa e interna. Alvarez e Melo (1997) definem os pólos como um conjunto de empresas que atendem, principalmente, ao mercado nacional, existindo segmentos exportadores de segmentos econômicos heterogêneos e geralmente os parceiros do pólo são as empresas, suas associações de classe, institutos tecnológicos e universidades, secretarias, prefeituras, envolvendo muitas vezes o SEBRAE e o SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, como ocorre na região do Grande ABC paulista.

Nesses pólos, a participação de agências de fomento que buscam a integração regional, estimulam o desenvolvimento através de projetos, eventos e rodadas de negócio. Essas

agências focam o desenvolvimento, que no caso, da Região do Grande ABC paulista surgem na metade da década passada.

Os sete municípios que compõem o ABC paulista, diante das necessidades para o desenvolvimento conjunto da região, e de problemas comuns, tomaram algumas iniciativas importantes, envolvendo o governo estadual, as prefeituras e a sociedade civil na criação de agências fomentadoras de arranjos produtivos na região, que pudessem fazer a ligação regional.

A região, que conta com cinco instituições de apoio ao seu desenvolvimento: Consórcio Intermunicipal do Grande ABC, conhecido como, o *Consórcio das Sete Cidades*; Agência de Desenvolvimento do Grande ABC; Câmara Regional do Grande ABC; Sebrae e o Fórum da Cidadania, auxiliam as prefeituras das sete cidades enfrentarem os desafios de superação de gerenciamento e cooperação suprapartidária e, também, de tempo, já que o tempo competitivo para as empresas e o tempo para os governos é discrepante. Nota-se que a maioria dos governos prefere políticas perceptíveis, com subsídios, proteção e incentivos a fusões e incorporações – que são em geral, aquelas que retardam a inovação e o desenvolvimento econômico. (PORTER, 2003)

A região do Grande ABC paulista possui alguns pólos em diversos segmentos econômicos, como por exemplo, o pólo de cosméticos na cidade de Diadema, que, já tinha uma concentração dessas indústrias. Em conjunto com as agências de fomento, a prefeitura de Diadema, por intermédio da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Urbano, buscou reunir empresas e entidades, representativas dos empresários, para desenvolver projetos e ações para alavancar o segmento. Consolidando esta parceria, enviou à Câmara Municipal um projeto criando o Pólo Brasileiro de Cosméticos.

Atualmente o pólo representa 10% do número de empresas de cosméticos do país e a tendência é que essa participação aumente.⁴

O SEBRAE contribui com sua vasta experiência na área de gestão, dando credibilidade e referência ao projeto e a formatação do Projeto de Arranjo Produtivo Local. O SENAI contribui para o aperfeiçoamento técnico, tanto do setor químico, quanto de embalagens, fornecendo cursos, treinamentos e consultorias, com preços diferenciados para os membros do Pólo.

⁴ Informação retirada do site do Pólo de Cosméticos: <www.polodecosmeticos.com.br>, s/d. Acesso em 05 de fevereiro de 2009.

Na cidade de São Caetano do Sul, houve a criação do Pólo Tecnológico, que surgiu em parceria da Prefeitura com as empresas Sobloco e Risa Magnesita, parceria em que a escritura permite a doação, troca e permuta da área, terreno no qual funcionou a antiga fábrica da Cerâmica São Caetano, para a construção do Pólo Tecnológico Centro Empresarial e de Eventos.

A criação do Pólo Tecnológico é resultado do trabalho desenvolvido pelo Conselho Municipal de Desenvolvimento Econômico, para a adoção de estratégias econômicas que assegurem o desenvolvimento do município nos próximos 20 anos. A área receberá um espaço urbano planejado, de uso misto, incluindo serviços, residências, comércio e empresas de alta tecnologia, tentando, assim, manter um desenvolvimento econômico.

A área na qual será erguido o empreendimento localiza-se junto à divisa com a capital, São Paulo, próxima à Via Anchieta, com fácil acesso ao Porto de Santos, e às principais rodovias e aeroportos.

Há, também, a formação de um pólo moveleiro, que abrange as sete cidades da região do Grande ABC, em especial São Bernardo do Campo, e vem se expandindo junto ao crescimento deste setor no Estado de São Paulo.

Dentro deste cenário de transformações o turismo vem se fortalecendo, mas seu despertar na região do Grande ABC é algo recente. A região, que apresentou por décadas a vocação de maior pólo industrial do país, também percebe, no turismo de lazer, alternativas de criação de renda da economia local. Beni (2003) afirma que muitas regiões do país optaram por desenvolver ações visando um planejamento turístico descentralizado e apoiado nos diferentes recursos que cada município de uma determinada região, pois para o autor, todos os esforços somados, “contribuem para dinamizar o desenvolvimento econômico e social”.

Com o crescimento dos pólos de cosmético, tecnológico e moveleiro, houve também, o crescimento da infra-estrutura urbana e turística com a chegada de dois hotéis de bandeira internacional e um *flat* na cidade de Santo André, São Bernardo e na cidade de São Caetano para atender à demanda de turismo de negócios e eventos regionais.

Mas, a região, também é favorecida pela natureza da Serra do Mar (Mata Atlântica) e sítios históricos. A Vila de Paranapiacaba, pertencente à cidade de Santo André, é local de grande importância para a história da região e passou nos últimos anos por um processo de planejamento.

A Vila oferece aos visitantes, arquitetura inglesa, um museu, com todos os materiais utilizados pelos ferroviários e operários no período de construção da Ferrovia São Paulo Railway Company, trilhas e estrutura para a prática de esportes radicais na Serra do Mar. Além da própria natureza e a história na qual a Vila está inserida, há a agenda de eventos culturais que, também, atraem diversos visitantes de todas as cidades da Região. Vale destacar, o evento anual do Festival de Inverno, que ocorre no mês de julho e que atualmente está na sexta edição. (SOUSA, 2007)

Desde a sua revitalização, iniciada pela prefeitura de Santo André em 2001, a vila já recebeu quase 700 mil turistas. A atual administração pretende criar um pólo turístico sustentável, envolvendo poder público, iniciativa privada e comunidade local.

Para alcançar o objetivo de expansão do turismo de forma responsável, a Prefeitura de Santo André prepara um plano de marketing que divulgará a vila histórica como destino turístico para o mercado da Capital, mostrando seus atrativos para empresas e agências de turismo paulistanas. Ao mesmo tempo, um projeto de profissionalização trabalha na capacitação dos moradores e na qualificação dos empreendimentos da Vila, buscando a melhoria permanente da recepção aos visitantes. Além de passeios de fim de semana, a idéia é diluir esse fluxo para os demais dias da semana, atraindo públicos específicos como grupos da terceira idade e escolares, além do turista de negócios que visita a capital de quinta a domingo (SANTO ANDRÉ, 2009).⁵

Outro projeto envolvendo a atividade turística na região, é o que cria Pólo Ecoturístico Caminho do Mar, local situado no Parque Estadual da Serra do Mar, que abriga patrimônio ambiental, histórico e cultural, com obras de engenharia datadas da primeira metade do século XX. O Pólo possui infra-estrutura com portaria, estacionamento, monitorias, banheiros, microônibus, para o retorno dos passeios após a descida por uma trilha de oito quilômetros. Atualmente o projeto está sendo desenvolvido em módulos, e no futuro pretende-se construir uma sede administrativa, com ambulatórios e centro de recepção aos turistas.

A região conta também com a cidade de Ribeirão Pires, que se tornou Estância Turística e por isso recebe benefícios para o desenvolvimento de projetos no setor do turismo. Hoje, esta cidade, realiza o Festival do Chocolate, no mesmo período em que ocorre o Festival de Inverno de Paranapiacaba, como forma de divulgar a cidade e seus artesãos contribuindo para a geração de renda e economia local.

⁵ Informações disponibilizadas pelo site da Prefeitura de Santo André. Vila de Paranapiacaba. Turismo de Esporte, Aventura e Ecoturismo. 2009.

São Bernardo do campo, pólo moveleiro, oferece alguns eventos como a Festa das Nações, Encontro de Carros Antigos e Jipeiros, e na região da represa Billings, a prática de esportes náuticos variados e pescaria amadora e profissional. O município dispõe de um grande espaço para eventos, o Pavilhão Vera Cruz, conhecido estúdio cinematográfico dos anos 40 e 50, que atualmente passa por reestruturação, visando ampliar a sua agenda de eventos.

A região, por sua localização geográfica e histórica, favorece a formação de pólos, aglomerados de empresas de mesmo segmento que se complementam em suas atividades. As sete cidades localizadas a menos de quinze quilômetros da capital e próximas às principais rodovias, a portos e aeroportos paulistas fazem com que a região esteja muito bem posicionada, geograficamente, passando a ser ponto de convergência em setores como, indústria e serviços.

Com base nas vantagens geográficas e na reestruturação econômica viabilizada pelas agências de fomento que subsidiam a criação de novos pólos, o turismo vem se fortalecendo, mas seu despertar na região do Grande ABC ainda é algo recente. A região, que sempre apresentou a vocação de maior pólo industrial do país, também percebe, no turismo de lazer e de negócios, alternativas de geração de novos postos de trabalho e complementação da renda da economia local. (XAVIER *et al*, 2007).

Como forma de promover o desenvolvimento do setor turístico, as agências de fomento, representantes de empresas privadas e secretários de turismo da região, criaram uma agenda de reunião mensal, tendo como objetivo de sistematizar políticas públicas específicas para o setor, captar recursos financeiros e, conseqüentemente, investi-los em estruturas comuns que implementem e solidifiquem a atividade turística em toda a região do Grande ABC Paulista..

Considerações Finais

Este artigo pretendeu, em especial, despertar e/ou enfatizar novos olhares para a trajetória econômica da Região do Grande ABC paulista, que nas últimas décadas, alterou-se devido às mudanças de ordem político e econômica, nacional e internacional. Nesse sentido, o caminhar para o desenvolvimento baseado no esforço regional, com o apoio de instituições de

fomento locais, tornou-se uma saída inteligente e eficiente para a formação de novos pólos, novos segmentos organizacionais e produtivos.

Com a interpretação e leitura dos dados históricos da região e seu novo perfil, é possível verificar que todo o processo de transformação sofrido ao longo de sua história a direcionou para a diversificação de suas atividades.

A formação de instituições regionais de desenvolvimento, a aproximação de empresas de outros segmentos econômicos, como por exemplo, o de hospedagem e gastronômico, aponta para o despertar da atividade turística como mais uma alternativa para a reorganização econômica da região.

Os dados investigados sobre o reaquecimento da economia no Grande ABC paulista, após o declínio da atividade industrial, mostram que a região necessita de estratégias para rearticular as vantagens competitivas já existentes, como sua logística e localização privilegiada.

Considerando essas vantagens competitivas, torna-se imprescindível fazer investimentos em projetos para a reorganização do cenário econômico da região, tendo como um dos pontos de partida o fomento das atividades relacionadas ao setor turístico.

A partir do momento em que a região, orientada pelas agências de fomento, conseguir organizar as relações entre os diversos atores das sete cidades e criar as condições necessárias para a constituição de um ambiente favorável à nova atividade econômica, baseada no turismo de negócios e de lazer, poderá atrair novos investimentos, criar novos postos de trabalho e assim gerar renda e promover o desenvolvimento de todos os municípios da região.

Referências Bibliográficas

ALVAREZ, M.D.G., MELO, M.A.C. **Processos de planejamento e integração de pólos tecnológicos e modernização**. Recitec – Revista de Ciência e Tecnologia, Recife, v.1, n.1, p.68-102, dez.1997.

BENI, Mário. **Globalização do turismo: Megatendências do setor e da realidade brasileira**. São Paulo: Aleph, 2003.

KLINK, J. **A estruturação de um novo Regionalismo**. 2000. Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.(313 p.)

- NASCIMENTO, A. R. **Documentos para subsidiar o debate local e regional.** Fórum Regional de Inovação Tecnológica, Inclusão Social e Cooperações de Rede, 2005. Disponível em: <http://home.unimep.prg.br/forunsregionais>>. Acesso em: 24 mar. 2007.
- PORTER, M. E. **Competição – On Competition:** estratégias competitivas essenciais. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- PREFEITURA DE SANTO ANDRÉ. Vila de Paranapiacaba. Turismo de Esporte, Aventura e Ecoturismo. Disponível em <http://www.santoandre.sp.gov.br/secretaria/paranapiacaba>>. Acesso em: 05 de abr. 2009.
- RABAHY, W. A. **Planejamento do turismo: estudos econômicos e fundamentos econométricos.** São Paulo: Loyola, 1990.
- SEBRAE – Serviço de Apoio a Micro e Pequenas Empresas . **Arranjos Produtivos Locais.** s/l, s/d. Disponível em: <www.sebrae.com.br>. Acesso em 10 out 2006.
- SOUSA, A. C. M. **Análise da formação de um pólo logístico e os recursos humanos como fatores competitivos para a região do Grande ABC paulista.** 2007. (Mestrado em Administração) Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.
- XAVIER, M.L.P., SOUSA, A.C.M, RODRIGUES , J. P.; BRESCIANI, L.P. **O novo perfil econômico do Grande ABC paulista.** Organizações em contexto / programa de pós-graduação da universidade Metodista de São Paulo – v.1, nº 6 (2007) – São Bernardo do Campo:Universidade Metodista de São Paulo, 2007.